



Processos de referência meta na divulgação da ciência Abordagem argumentativa

Renata Palumbo

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

orcid.org/0000-0001-6969-0802

Neste trabalho, comparamos um roteiro escrito e sua retextualização em *podcast* de um Trabalho de Conclusão de Curso de uma estudante de Linguagens em 2022. Nossa finalidade correspondeu à identificação de como ocorre a passagem de um a outro e à análise de como a referência meta colabora para a operacionalização do projeto argumentativo. Identificamos as modificações realizadas na versão final e buscamos classificar tipos de referência meta do ponto de vista da argumentação. Embasamo-nos em pesquisas sobre a referência meta (Jubran, 2009; Morato, 2012) e em estudos que se dedicaram à argumentação (Charaudeau, 2016b; Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958])). Nossas análises permitem afirmar que a referência meta cumpriu papel argumentativo por ter sido mobilizada para adequar o texto para um contexto interlocutivo que abarca públicos especialistas e não especialistas, de modo a criar condições para fazer entender, fazer crer e fazer participar. Palavras-chave: Argumentação. Referência meta. Divulgação científica. Produção textual no ensino superior.

Procesos de metarreferenciación en la divulgación científica: enfoque argumentativo

En este trabajo comparamos un guión y su retextualización en *PodCast* de un trabajo de finalización de curso de una estudiante de Lenguajes en 2022. Nuestro propósito correspondió a identificar cómo ocurre la transición de uno a otro y analizar cómo la metarreferenciación colabora para la operacionalización del proyecto argumentativo. Identificamos los cambios realizados en la versión final y buscamos clasificar los tipos de metarreferenciación en el proceso argumentativo. Nos basamos en investigaciones sobre la referencia meta (Jubran, 2009; Morato, 2012) y en estudios que se dedicaron a la argumentación (Charaudeau, 2016b; Perelman y Olbrechts-Tyteca (2002[1958])). Los análisis nos permiten afirmar que la metarreferenciación cumplió un papel argumentativo porque fue usada para adaptar el texto a un contexto interlocutorio que contiene audiencias especializadas y no especializadas, con el fin de crear condiciones para hacer comprender, hacer creer y hacer participar.

Palabras clave: Argumentación. Referenciación. Divulgación científica. Producción textual en la educación superior.

Metareferential Processes in the Popularization of Science: An Argumentative Approach

In this study, we compared a written script and its retextualization into a podcast, based on a final paper by a Language student in 2022. Our aim was to identify how the transition between these two contexts occurs and to analyze how metareferential processes contribute to the operationalization of the argumentative project. We identified the changes made in the final version and classified types of metareferential processes within the argumentative framework. This analysis draws on research related to referential processes (Jubran, 2009; Morato, 2012) and studies focused on argumentation (Charaudeau, 2016b; Perelman and Olbrechts-Tyteca [2002[1958]]). Our findings suggest that metareferential processes plays an argumentative role, as it was employed to adapt the text to an interlocutory context involving both specialized and non-specialized audiences, with the aim of facilitating understanding, fostering belief, and encouraging participation.

Keywords: Argumentation. Referential process. Science popularization. Textual production in higher education.

Considerações Iniciais

Os novos espaços de interação *online* possibilitaram que ocorressem modificações nos modos de interação, de produção e de circulação de textos-discursos. No campo da ciência, nos últimos anos, vêm ocorrendo iniciativas de divulgação do conhecimento científico em *sites*, *podcasts*, postagens em redes sociais – *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* –, alcançando também públicos não especializados. Por se tratar de novas práticas tanto por parte de pesquisadores quanto de graduandos, entendemos que a investigação dessas produções merece especial atenção.

A divulgação da ciência para públicos diversos implica processos de reformulações e de recontextualizações (Gotti, 2014). Torna-se necessária a mobilização de procedimentos textuais e discursivos específicos, para que as produções científico-acadêmicas sejam ajustadas a novas situações de interação, tal como é o caso do *podcast*, no qual precisam ser gerenciadas multimodalidades ancoradas a especificidades do aplicativo em que o texto-discurso se insere e às características do interlocutor presumido.

Além do mais, esse procedimento requer um olhar crítico e contextualizado no que diz respeito aos mecanismos argumentativos. Trata-se de relacionar a argumentação científica tradicional, caracterizada por ser demonstrativa e voltada para especialistas (Charaudeau, 2016a), à didatização, que vem sendo localizada em discursos científicos direcionados a públicos mais gerais (Gotti, 2014).

Baseando-nos nos arrazoados anteriores, buscamos examinar o processo da produção textual de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi desenvolvido em formato de *podcast* em 2022 por uma estudante universitária do curso de Linguagens. Nosso *corpus* corresponde ao roteiro escrito da monografia e ao áudio em *podcast* divulgado no *Spotify*, constituído por uma introdução e dois episódios com o total de setenta e um minutos e dezoito segundos.

A seleção desses textos deve-se à possibilidade de identificar seu processamento, do roteiro à finalização, uma vez que a versão final em *podcast* revela aspectos das modificações realizadas em relação à produção inicial, sobretudo no que diz respeito a apagamentos e a acréscimos de natureza textual via referenciação meta, entendida, neste trabalho, como ação de se voltar para o próprio texto-discurso ou para o texto-discurso de outro também como estratégia argumentativa tática e *online* (Palumbo, 2018). Entendemos que a observação de reformulações do

texto (em suas versões) do ponto de vista referencial pode-nos trazer pistas significativas de como o texto foi sendo projetado por uma estudante de graduação.

Assim, investimos nas análises do *corpus* com a finalidade de: i) identificar como ocorreu a passagem de um gênero textual a outro (do roteiro escrito para o *podcast*); e ii) analisar como a referenciação meta colabora, processualmente, para a operacionalização do projeto argumentativo da produção científico-acadêmica para públicos especializados e não especializados.

A partir de uma abordagem qualitativa, procedemos às seguintes etapas de investigação: a) comparação entre o roteiro escrito e o áudio com vista à identificação de procedimentos meta da referenciação na versão final; b) exame do caráter argumentativo da referenciação meta. Transcrevemos os acréscimos localizados no áudio conforme as normas do Projeto da Norma Culta de São Paulo (NURC/SP) e mantivemos as informações pessoais da estudante em sigilo.

Teoricamente, embasamo-nos em pesquisas sobre a referenciação do ponto de vista sociocognitivo e interacional (Jubran, 2003, 2005; Koch, 2004; Morato, 2005; Palumbo, 2018) e buscamos uma correlação com os estudos acerca da argumentação (Charaudeau, 2016b; Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958]), Mayeur, 2018).

Este trabalho foi organizado da seguinte maneira: primeiramente, discorreremos sobre a argumentação no campo científico e a respeito de possíveis recontextualizações em espaços nos quais os públicos não são especializados; posteriormente, discutimos sobre o caráter argumentativo da referenciação meta e procedemos à comparação do roteiro escrito do Trabalho de Conclusão de Curso e da produção textual em *podcast*, observando as modificações realizadas pela estudante na versão final do trabalho; por fim, retomamos as análises e identificamos as principais estratégias referenciais meta do ponto de vista da argumentação.

1 Argumentação na divulgação da ciência

O discurso científico tende a ser produzido, especificamente, no interior de um campo de investigação com vista à construção e à disseminação de conhecimentos. Trata-se de uma atividade voltada, sobretudo, para determinados grupos especializados que assumem dois papéis: o de locutores e o de interlocutores dos discursos. É por tal razão que estudiosos, tais como Charaudeau e Maingueneau (2002, p.261), consideram que tais práticas se caracterizam por serem “fechadas”.

Em específico, no que diz respeito à argumentação científica já convencionalizada, as estratégias argumentativas tendem a ser encaminhadas com a

finalidade de construir uma verdade, que pode ou não ser aceita (Charaudeau, 2016a). É possível que ocorram questionamentos sobre aquilo que se apresenta devido ao fato de o campo científico-acadêmico estar repleto de acordos e desacordos conforme as posições teóricas assumidas, os propósitos de cada área e a disciplina. Além disso, a legitimação do que se diz e de quem diz está inserida em um jogo de relações, na ordem do discurso e do argumentar.

Rodrigues e Cavalcante (2019) atentam-se para a argumentação em escritas de artigo científico e indicam que essas produções obedecem a convenções relacionadas: i) à ordem científica voltada para as especificidades da área de pesquisa, das teorias filiadas e da disciplina; ii) à ordem situacional correspondente ao lugar de divulgação; (iii) à ordem comunicacional que diz respeito aos interlocutores presumidos; iv) à ordem textual que se refere às estratégias selecionadas, tais como as marcações dêiticas de posicionamento.

No que diz respeito aos mecanismos acionados no texto, Rodrigues e Cavalcante (2019) afirmam que as estratégias argumentativas mais recorrentes se referem tanto ao processo intertextual, por meio de citações, paráfrases e alusões, quanto às definições, às comparações, às descrições de fatos, às ilustrações e aos exemplos.

Ainda mais, espera-se que a argumentação se ancore a uma configuração textual com a qual se torna possível conduzir determinados raciocínios e alcançar adesão em relação a uma tomada de posição. Ocorre, nessa direção, uma organização tripla: “problematização (apresentação de um questionamento), posicionamento (engajamento do sujeito argumentante em uma posição a ser defendida), persuasão (apresentação de estratégias de provas)” (Charaudeau, 2016a, p.551). Além disso, temos que quanto mais os interlocutores forem especializados, tanto mais haverá economia de explicações de determinados termos, visto que estes, geralmente, já são de conhecimento partilhado.

Em relação ao discurso de divulgação científica, entendemos que ainda existe ampla restrição no que se refere ao acesso ao discurso científico por parte de outros públicos; entretanto, transformações tecnológicas vêm permitindo que iniciativas sejam realizadas, para que haja mais distribuição dos saberes da ciência. Na sociedade do conhecimento, esses discursos passaram a circular tanto no campo científico-acadêmico, entre universitários e pesquisadores, quanto na mídia tradicional, entre jornalistas e públicos não especializados (Rinck, 2010).

Quanto à última possibilidade de divulgação, sabemos que, além da mídia impressa, o advento da eletrônica – rádio e televisão – ampliou a possibilidade de divulgação de determinados discursos científicos, de modo interpretado, adaptado e midiaticizado. Por muito tempo, coube a jornalistas o papel de divulgar e de tornar acessíveis conhecimentos específicos para um público maior com níveis diferenciados de conhecimento.

Charaudeau (2016a) destaca que muitas foram as críticas sobre a midiaticização da ciência, as quais apontavam para a deformidade do saber científico ou o sensacionalismo criado no jornalismo. Ainda conforme esse estudioso (Charaudeau, 2016a, p.551), o ponto positivo dessas práticas midiáticas corresponde à possibilidade do estabelecimento de debates públicos e da “ciência tratada de modo a interrogar a cidadania”. As condições serão sempre híbridas, integrando especificidades de campos diversos – midiático, científico e didático.

Nessa direção, como afirmam Charaudeau (2006), Giering e Souza (2013), Giering (2014) e Ramos (2014), o discurso de divulgação científica possui dupla finalidade: de informar o interlocutor, tornando-o mais competente, e de captar sua atenção. Esses objetivos costumam estar presentes tanto no campo didático quanto no midiático; entretanto, cada qual possui interesses específicos e condições peculiares de produção. Na divulgação científica, conforme entendemos, a utilização de mecanismos argumentativos insere-se na busca pelo fazer entender (instruir), fazer crer (efeito de verdade) e fazer participar (construção de raciocínio). Ainda temos que todos esses interesses, mais do que crer e fazer crer, relacionam-se ao que Charaudeau (2016b, p.3) denominou “problemática da influência”.

Com o surgimento da internet e sua disseminação, outras fronteiras começam a se modificar. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TDIC) impulsionaram novas formas de distribuição do conhecimento científico, bem como culminaram na produção de textos-discursos de divulgação, antes não previstos, produzidos, agora, por pesquisadores e universitários com o intuito de diminuir a distância existente entre o campo científico e o do cotidiano. Entendemos que o discurso de divulgação em rede digital, produzido por pesquisadores e universitários, possui, ao mesmo tempo, características específicas do campo científico e do didático, as quais se ancoram às especificidades das redes.

Nessa direção, segundo Chartier (2006), estamos diante de uma mudança na ordem do discurso e do argumentar, em razão de as tecnologias digitais permitirem que consultas a vários textos sejam realizadas durante uma leitura, possibilitando a

validação ou a rejeição da argumentação apresentada. Além do mais, existe a possibilidade de ajustes nesses textos-discursos, como pode ocorrer em *blogs*, *sites* e redes sociais de pesquisadores ou de seus grupos. Mais ainda, a argumentação desses textos-discursos passa a ser capaz de sustentar diferentes lógicas sociais (Mayeur, 2018) por conta da possibilidade de alcançar públicos diversos.

Assim é que, em muitos desses novos cenários, as práticas de divulgação científica por parte de pesquisadores e de estudantes universitários possuem dupla orientação, já que precisam, ao mesmo tempo, manter determinadas convenções do ponto de vista científico, para atingir especialistas, e proceder a estratégias que visam ao alcance de públicos não especializados e imprevistos, de modo que eles possam compreender o que se apresenta.

A respeito das práticas textual-discursivas inseridas nessas novas situações, parece-nos cara a resposta de Charaudeau (2016b, p.3) para o seguinte questionamento: “Como organizar seu dizer de tal modo que ele esteja a serviço do processo de influência do sujeito?”. O autor responde que:

[...] é necessário saber falar do mundo e de transmiti-lo ao outro de forma que lhe seja compreensível. Trata-se aqui de se interrogar sobre os modos de organização do discurso de acordo com o que escolhermos contar/descrever ou argumentar. Contar supõe que se organize seu discurso de maneira descritiva e narrativa; e argumentar que se organize seu discurso de maneira argumentativa.

Nesse viés, as instâncias de produção e de recepção merecem especial atenção no que diz respeito aos mecanismos argumentativos selecionados. Assim é que a argumentação dos discursos da ciência e dos de divulgação está relacionada aos princípios de alteridade (relação com públicos especializados e não especializados), de influência (modos de influência diversificados) e de regulação (projetos diversos de influência do outro). Trata-se de considerar que estratégias dependem do contexto interlocutivo, como já haviam indicado Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), por ocasião da discussão acerca dos acordos da argumentação, os quais voltam-se para as características dos auditórios e do orador, seus valores, suas premissas etc.

Entendemos que ocorre atenção especial a um dos objetivos da argumentação, que corresponde ao *docere* (instruir). Nessa direção, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958], p. 17), a respeito do conjunto de condições da argumentação, afirmam que “O mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a argumentação”. E continuam: “Com efeito, para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do

interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958], p.18). Na divulgação da ciência, os procedimentos argumentativos possuem também um viés elucidativo, quer seja por meio de formulações linguísticas de caráter meta, quer seja pela utilização de outras linguagens e estratégias para levar o leitor, no mínimo, à compreensão de determinados objetos de discurso relacionados ao campo da ciência.

A título de ilustração, observemos, sucintamente, o seguinte texto da revista Roseta de popularização da ciência linguística da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)¹:



No consultório médico, o doutor escreve no receituário que entrega para Dona Cassilda, de 78 anos, as seguintes orientações:

Uso tópico

Medicamentol 76g—————2tb

Uso tópico 2x/dia ou quando houver prurido excessivo e/ou edemas.

Dona Cassilda agradece a atenção do profissional, mas não compreende o tratamento que deve fazer para a coceira que sente no corpo. Dona Cassilda não estudou muito, apenas o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Ela não usa a pomada recomendada pelo médico nem quando há coceira, inchaço ou vermelhidão no corpo. As expressões médicas do receituário não são frequentes no dia a dia de Dona Cassilda, por isso um tratamento simples como o uso de uma pomada pode ser um tormento se não houver explicações e simplificações dos textos com jargão médico, especialmente quando os destinatários são pacientes com idade avançada e pouco tempo de ensino formal na escola.

O chamado mediquês, português difícil usado pelos profissionais da saúde, é uma barreira para entender informações escritas sobre tratamentos e procedimentos, podendo causar até mais internações hospitalares no Sistema Único de Saúde.

¹ Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2023/03/17/voce-entende-mediquês/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Por que não simplificamos nossa forma de divulgar as informações sobre saúde, dando acessibilidade de informação a todos, todas e todes?

[...]

No Brasil, as cientistas da Santa Casa de São Paulo, Milena Nakamura e Kátia de Almeida, mostraram que boa parte das informações escritas em saúde é complexa para a maioria das pessoas. **Vale lembrar da Dona Cassilda, que viveu os anos da Pandemia Sars-Cov19 sendo alvo de uma enxurrada de informações sobre saúde que ora eram corretas, ora eram incorretas.**

[...]

É possível observar que a produção anterior se propõe a indicar como formulações complexas e de circulação restrita ao campo da saúde podem prejudicar a compreensão por parte de interlocutores não especializados. No texto, apresentam-se pesquisas que se dedicaram a essa situação. Ao início, já localizamos um viés elucidativo com apoio de várias estratégias referenciais meta de caráter multimodal. A pergunta retórica “Você entende mediquês?” inicia o texto, encaminhado à reflexividade. O objeto de discurso “mediquês” é recuperado de diversas formas no processamento textual, muito provavelmente por terem sido projetados também interlocutores não especializados para os quais o texto apresenta diversas pistas para a construção do referente central. Assim é que a imagem de pílulas e comprimidos que formam a interrogação corresponde a um modo de relacionar, no início do texto-discurso, o termo “mediquês” a algo entendido como do cotidiano do interlocutor. Temos, pois, um olhar especial para a didatização.

Mais adiante, estratégias seguem na mesma direção elucidativa. As alusões a uma situação também cotidiana – consulta médica – e à dificuldade de compreensão sobre a escrita do receituário por parte da paciente Dona Cassilda podem ser entendidas como pistas que orientam o interlocutor, para que este produza sentido à formulação referencial “mediquês”, que é retomada, seguida por uma estratégia meta: “O chamado mediquês, *português difícil usado pelos profissionais da saúde* [...]”. Como afirma Charaudeau (2016a), na divulgação, empregam-se termos que não necessariamente são utilizados por cientistas em seus conceitos, no entanto, existe o “forte desejo de popularizar a ciência” (Charaudeau, 2016a, p.554). É o que nos parece ter ocorrido no texto examinado.

Tal mecanismo (meta) está ancorado à referência textual e promove continuidade ao texto, de modo a projetar aproximação com quem o lê e a criar mais

possibilidades de processos de significação verbal e não verbal – em uma relação texto, cognição e práxis –, colaborando, fundamentalmente, para a argumentação e a orientação argumentativa do texto, como passamos a discorrer.

2 Estratégias meta na referência e seu caráter argumentativo na divulgação da ciência

Os estudos a respeito da construção de objetos de discurso vêm ocupando um lugar significativo nas pesquisas da Linguística Textual (doravante LT). Os trabalhos de Koch (2005), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2008), Mondada e Dubois (2003), Morato (2012), entre outros, trataram da questão, indicando-nos sua natureza textual-discursiva, dinâmica, sociocognitiva, interacional e situacional. Desse modo, esses estudiosos amplamente postularam que os objetos de discurso se constituem na relação existente entre os (co)textos e seus entornos. Trata-se de considerar o texto como evento em que a ação linguística está ancorada à social e à cognitiva (Beaugrande, 1997; Cavalcante et al., 2022), e os referentes como objetos de discurso, segundo Mondada (1994) e Mondada e Dubois (2003).

Em relação ao caráter retórico da referência, além de assumirmos que a rede referencial colabora na orientação argumentativa, como já indicado por Koch (2005), temos discutido que a construção de objetos de discurso articula-se às teses defendidas pelos locutores em momentos específicos da organização textual-discursiva, na maneira como estabelecem negociações de sentido conforme a configuração da situação interacional, atuando como significativa estratégia argumentativa devido, entre outros fatores, à possibilidade de realizar associações e à força pragmática dos enquadres estabelecidos e privilegiados pelas formulações referenciais inter-relacionadas.

É no interior desses estudos que discutimos a referência meta. Sabemos que há diversas posições sobre o componente meta, como: a) independente da linguagem (de Jakobson, de Culioli, de Hjelmslev); b) integrada à linguagem de modo mais ou menos consciente (Morato, 2005), conforme entendemos neste trabalho. Para Jubran (2009, p.294), “[...] vários estudos sobre metadiscursividade são convergentes no que tange à consideração de que o metadiscurso se caracteriza por uma autorreflexividade discursiva, ou seja, o discurso dobra-se sobre si mesmo, referenciando-se”. A estudiosa aponta para o caráter referencial e indica possibilidades de investigações sobre diferentes elementos, tais como linguísticos, textuais, discursivos e interacionais:

[...] alguns mais pontuais, que recaem sobre o signo, pela explicação de seus valores semânticos em determinados contextos comunicativos; outros que destacam unidades mais amplas, como o texto, pela explicitação da organização de sua progressão ou mesmo da sua macro-estrutura; outros ainda que focalizam a natureza dos atos de fala, pela rotulação de seu teor declarativo, responsivo ou interrogativo. Acrescentam-se a essa listagem, em alguns casos, procedimentos relacionados à gestão da interação, com alvo na eficácia comunicativa, pela checagem da boa formulação e recepção informacional (Jubran, 2003, p.294, *itálicos nossos*).

As palavras de Jubran (2003) indicam-nos, também, que a metadiscursividade não se restringe a um ato de menção ao discurso, já que podem ocorrer menções à elaboração do texto em relação à formulação linguística, tal como ocorre quando se comenta ou avalia determinado uso de uma palavra/expressão, à sinalização de relevo dada pelo falante e à explicitação da referência ou de seu grau de abrangência. Aliamos essa posição à afirmação de Morato (2012), que considera a existência de diversos processos meta implicados na metadiscursividade, tais como metalinguísticos, metaenunciativos, metaformativos, metacomunicativos, entre outros.

Do modo como entendemos, para além de elementos linguísticos, esses procedimentos operam na e para a referenciação como ação tática e *online*, uma vez que o próprio planejamento de um discurso requer procedimentos de ordem meta. Compreendemos que a referenciação meta está atrelada aos processos de significação que o falante/escritor lança mão de modo mais ou menos consciente, com a finalidade de compor seu projeto de dizer em meio a ambientes que requerem sua participação ativa diante de outros participantes *in praesentia* ou não. Nessa acepção, a atividade meta (com seus vários determinadores) pode ocorrer de maneira estratégica, por meio da qual se torna possível apresentar opinião e conduzir argumentativamente o interlocutor em dada interação ou a própria situação interacional.

Nessa direção, a referenciação meta pode ser compreendida como: i) procedimento que ancora o textual-discursivo à práxis e à cognição; ii) mecanismo de organização e de uso da linguagem; iii) elemento integrado aos fatores implicados nos processos de significação – gênero textual, condições de realização, entre outros (Palumbo, 2018).

Ao lado da relação indissociável entre texto-discurso, práxis e cognição caminha a noção de metadiscursividade para o interior de processos de construção e de deslocamento de sentidos. Inferimos essa plasticidade em nosso dia a dia quando

negociamos sentidos, reformulamos ou pedimos reformulações de segmentos linguísticos. Diante de uma visão praxiológica, pois, a metadiscursividade é prática sobre o mundo, as pessoas e as situações em curso, atrelando-se à argumentação e à argumentatividade. Frente a um posicionamento cognitivo, ela se revela como mecanismo de organização e de uso da linguagem.

O entrelace desses elementos leva-nos a considerar a existência de determinadas finalidades, inter-relacionadas, do uso dos processos meta: aprender, entender, explicar, organizar o texto, elucidar, interagir, negociar, argumentar, entre outras. Esses objetivos podem ser alcançados por meio de vários procedimentos, tais como: qualificar, classificar, quantificar, definir e descrever a linguagem e/ou seu uso. Todos estes podem corresponder a ações atreladas à argumentação, tendo em vista que o caráter argumentativo de uma ação está ancorado ao modo como determinados objetos são apresentados aos interlocutores, produzindo determinados efeitos, aos valores admitidos no que diz respeito às propriedades que lhes são atribuídas e às categorizações etc. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002[1958]).

Do ponto de vista linguístico-textual, esses procedimentos podem ocorrer, entre outras possibilidades, por meio de descrições, nominalizações, encapsulamentos, expressões nominais etc., acompanhados, por vezes, por definições, com as quais se pode elucidar e, no caso das denominadas definições oratórias na Nova Retórica, “pôr em destaque certos aspectos da realidade que correriam o risco de ficar no último plano da consciência”(Perelman; Olbrechts-Tyteca, p. 195-196). Ressaltamos que a definição possui força argumentativa na medida que afeta os interlocutores com o efeito que sua presença pode produzir.

No que diz respeito à divulgação da ciência, como mencionamos, ocorre dupla orientação em ocasiões em que o texto-discurso é orientado para públicos especializados e mais gerais. O caráter interlocutivo do projeto argumentativo pressupõe reflexividade para que haja adequação em relação ao que se diz e para quem se diz de acordo com a finalidade da interação. Em situações de divulgação da ciência, parece-nos que, de modo geral, esse é o lócus argumentativo da referência meta para o qual nos atentamos em nossas análises.

3 Análise dos processos de referenciação meta na divulgação da ciência e seu lócus argumentativo

Na introdução deste trabalho, indicamos que nosso *corpus* compreende o roteiro escrito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o áudio em *podcast*, que foi divulgado no *Spotify* e constituído por uma introdução e dois episódios com o total de setenta e um minutos e dezoito segundos.

Procedemos à comparação entre ele e o roteiro escrito e buscamos identificar os elementos apagados e os inseridos do ponto de vista referencial, de maneira a tipificá-los quanto aos procedimentos – qualificar, classificar, quantificar, definir, organizar e descrever – e seus papéis argumentativos. Para indicar os apagamentos de formulações referenciais realizados na retextualização, utilizamos (()). Além do mais, destacamos, em negrito, os acréscimos, as reformulações, as correções.

No roteiro escrito, primeiramente, apresentam-se informações acerca de como estaria organizado o *podcast*. Podemos observar, em (2), que se projetou o texto acadêmico para se ajustar às especificidades do novo ambiente digital, sobretudo, no que concerne ao tempo de cada parte do trabalho, além da inserção de música que cumpre a função de transição de um episódio a outro:

Roteiro estruturado para *podcast* Literária

Estrutura temática

Episódio 1

Introdução: 8 min

Tema: Como as mulheres foram retratadas na Literatura e na Filosofia? 5min

Tema: Mulheres escrevendo 5min

Tema: Quem decide o cânone? 5min

Tema: Escritoras brasileiras contemporâneas 5min

Tema: Feminismo 5min

Episódio 2

Introdução 3min

Tema: Literatura e educação 5min

Tema: Diferenças na escola 5min

Tema: Experiências na escola 8min

Tema: Identidade 5 min

Tema: Fechamento 1 min

Agradecimentos 1min

Em relação à referenciação meta, na versão em *podcast*, localizamos procedimentos de organização e de explicação já na parte inicial do texto:

Quadro 1 – Procedimentos de organização e de explicação/esclarecimento por descrição, definição, reformulação

Roteiro escrito	Podcast
<p>QUESTÕES NORTEADORAS Por que as mulheres estiveram ausentes da Literatura como criadoras? Qual a relação da busca por uma história das mulheres e o Feminismo? A escola reproduz o mesmo sistema de poder que exclui as mulheres dos materiais didáticos como escritoras de Literatura? Existem caminhos para mudar esse cenário?</p>	<p>vamos falar das questões norteadoras... são perguntas... perguntas:: é:: ... que tentam... direcionar o trabalho... a partir dessas perguntas... eu entendo melhor o que eu quero... atingir...com essa pesquisa... e essas perguntas são neste trabalho... ((QUESTÕES NORTEADORAS)) Por que as mulheres estiveram ausentes da Literatura como criadoras? Qual a relação da busca por uma história das mulheres e o Feminismo? A escola reproduz o mesmo sistema de poder que exclui as mulheres dos materiais didáticos como escritoras de Literatura? Existem caminhos para mudar esse cenário?</p>
<p>JUSTIFICATIVA Por que ainda precisamos trazer a importância dos estudantes entrarem em contato com mais escritoras mulheres? A problemática está presente entre as teóricas feministas da literatura. Vejamos como referência um documento orientador para o Estado de São Paulo.</p>	<p>agora nós vamos para a justificativa... ((JUSTIFICATIVA)) por que este trabalho seria importante? a justificativa tenta de alguma maneira responder isso...enTÃO a pergunta é... Por que ainda precisamos trazer a importância dos estudantes entrarem em contato com mais escritoras mulheres? A problemática está presente entre as teóricas feministas da literatura. Vejamos como referência um documento orientador para o Estado de São Paulo.</p>
<p>METODOLOGIA A pesquisa foi delimitada ao ensino médio, na medida em que se pode trabalhar uma literatura mais questionadora e mais adulta. Embora não concorde com a redução da escola a uma função utilitarista em que esta serviria apenas para o acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho, sabemos que, na prática, os profissionais da educação acabam focando no exame, porque senão muitos estudantes teriam poucas chances de passar na para a prova.</p>	<p>aGO:ra... nós vamos falar sobre a metodoloGla... é o trajeto que foi percorrido COmo o trajeto foi percorrido para chegar ao objetivo... ((METODOLOGIA)) A pesquisa foi delimitada ao ensino médio, porque no ensino médio ((na medida em que)) se pode trabalhar uma literatura mais questionadora e mais adulta. Embora eu não concorde com a redução da escola a uma função utilitarista em que a escola ((esta)) serviria apenas para o acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho, nós sabemos que na prática os profissionais da educação acabam focando no exame, porque senão muitos estudantes têm ((teriam)) poucas chances de passar na ((para a)) prova.</p>
<p>Vejamos Aristóteles ou o pensador da dualidade de gêneros. De todos os filósofos gregos, e diferentemente de Platão, é ele quem</p>	<p>Vejamos Aristóteles ou o pensador da dualidade de gêneros. De todos os filósofos gregos, e diferentemente de Platão, é ele quem</p>

estabelece de maneira mais radical a superioridade masculina. As mulheres se movem nas fronteiras da civilidade e da selvageria do humano e do animal

estabelece de maneira mais radical a superioridade masculina. As mulheres se movem nas fronteiras da civilidade e da selvageria do humano e do animal. **mas:: ainda não acabou... a gente... vai falar mais:: um pouqui::nho di::sso... trazendo um filósofo... que é muito importante inclusive... ele aparece na educação... que é o Jacques Rousseau...**

Em uma monografia, habitualmente se espera localizar informações que indicam como se desenvolveu o projeto de pesquisa e seu valor no campo de investigação. Corresponde à organização mencionada por Charaudeau (2016a), na qual se apresentam problematização, posicionamento e persuasão. Nos textos sob análise, pudemos identificar elementos dessa ordem – problematização, justificativa, metodologia – com ampliações na versão final, as quais apontam para ações reflexivas por parte do locutor que toma o texto como objeto, interpreta-o e modifica-o, alinhando-se ao postulado de Morato (2012, p. 47) de que: “Uma das características da reflexividade é tomar a linguagem em uso como objeto de interpretação. Trata-se, pois, de um plano discursivo-cognitivo da metalinguagem”.

Tais acréscimos consistem em formulações que explicitam termos, supostamente, julgados como não conhecidos por interlocutores não especializados. É por meio de definições que essas explicações ocorrem: “questões norteadoras... são perguntas... perguntas:: é:: ... que tentam... direcionar o trabalho”, “a metodoloGla... é o trajeto que foi percorrido”. O direcionamento do texto para públicos mais gerais nos faz crer que as definições utilizadas, em razão de seu aspecto funcional, podem ser compreendidas como argumentativas, pois permitem que se crie comunhão com interlocutores não especializados, além de facilitar a compreensão destes e, possivelmente, promover seu interesse por continuar a escuta do áudio.

Além do mais, localizamos procedimentos meta que recaem sobre o tópico e funcionam como organizadores *online* do processamento textual: “vamos falar das questões norteadoras”, “aGO:ra... nós vamos falar sobre a metodoloGla...”, “mas:: ainda não acabou... a gente... vai falar mais:: um pouqui::nho di::sso... trazendo um filósofo...”. Identificamos, ainda, outros acréscimos que ampliam as informações sobre o objeto do discurso Rousseau: “trazendo um filósofo... que é muito importante inclusive... ele aparece na educação... que é o Jacques Rousseau...”. Torna-se possível afirmar que a reflexividade opera no e para o projeto de dizer, e suas finalidades e

procedimentos (definir e descrever) aliam-se à argumentação. É preciso que o interlocutor não especializado reconheça, por exemplo, a referência Rousseau e sua importância para o campo de investigação, para que seu papel de autoridade seja legitimado e a citação direta cumpra seu papel argumentativo.

Como mencionamos, quanto mais se projeta um interlocutor especializado tanto mais se espera que determinadas explicações/informações não apareçam. No caso das produções sob análise, podemos examinar dupla orientação. Por um lado, formulações de cunho acadêmico são mantidas na versão final como mencionamos (“justificativa”, “metodologia”, “questões norteadoras”). Por outro, a referência meta marca-se no texto de maneira frequente e integra um dos objetivos da argumentação: *docere*.

O procedimento meta de voltar-se para uma formulação referencial relacionada a autores utilizados na pesquisa também pode ser localizado nos segmentos indicados no Quadro 2:

Quadro 2 – Procedimentos de esclarecimento por qualificação e classificação

Roteiro escrito	Podcast
Minha história das mulheres – Michelle Perrot (Página 22) [...] “existe uma abundância, e mesmo um excesso [...]	((Minha história das mulheres –)) a Michelle Perrot ((- Página 22)) uma historiadora francesa em minha história das mulheres... lá na página vinte e dois... fala assim... abre aspas... [...] “existe uma abundância, e mesmo um excesso [...]
Comentário: Vejamos um exemplo que vem da época de Shakespeare. Federici em Calibã e a Bruxa - Silvia Federici - Página 202	((Comentário:)) Vejamos também um exemplo que vem da época de Shakespeare a Silvia Federici uma historiadora italiana no ((em)) Calibã e a Bruxa ((- Silvia Federici -)) no livro dela... ela vai falar lá na Página 202 abre aspas

Os objetos de discurso Michelle Perrot e Silvia Federici antecipam citações diretas, como já se espera que ocorra em textos do campo acadêmico como mecanismo argumentativo (Rodrigues, Cavalcante, 2019). Quanto aos acréscimos, estes se voltam para a classificação “historiadoras” e para os termos “francesa” e “italiana” que podem ser tomados como qualificação a depender da posição do interlocutor. Algumas formulações referenciais caracterizam-se por serem híbridas, uma vez que ao mesmo tempo são referenciadoras e predicativas, podendo trazer ao interlocutor tanto informação dada quanto nova.

O locutor, ao utilizar-se desse recurso, pode promover, na rede de sentido do texto, valores argumentativos, sobretudo, para interlocutores que não possuem tais autoras em seu repertório. É isso que entendemos que pode ocorrer com as seleções “uma historiadora francesa” e “uma historiadora italiana”, já que consistem em formulações que possibilitam a (re) construção de segmentos precedentes (Michelle Perrot e Silvia Federici), de maneira a sumariá-los sob um determinado rótulo que imprime ideia de autoridade das autoras, tornando-se um recurso argumentativo.

Koch (2005) já nos havia indicado o papel significativo da sumarização e da rotulação em seus estudos sobre a orientação argumentativa de determinados expressões nominais. É o que também ocorre em nosso *corpus*, em específico, com o papel de assegurar o argumento de autoridade. Além do mais, ao acrescentar, a locutora procede a apresentação de epítetos, dos modificadores qualificativos que podem apresentar valores positivos a depender das características de quem ouve o *podcast* – procedimentos já evidenciados na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958]), como significativos na apresentação do objeto dada a escolha argumentativa.

Como mencionamos, Rodrigues e Cavalcante (2019) apontam para as estratégias argumentativas mais recorrentes na escrita de artigo acadêmico, tais como citações, paráfrases, definições, exemplos, entre outras. Observamos que, no texto sob análise, o locutor recorre a tais recursos; entretanto, o encaminhamento dado por meio dos acréscimos na versão final caracteriza-se pela finalidade de esclarecer, elucidar, principalmente, em relação às citações diretas selecionadas. Observemos as partes em destaque no Quadro 3:

Quadro 3 – Procedimentos de elucidação por exemplificação

Roteiro escrito	Podcast
<p>[...] diz Rousseau: “Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles. Criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância.”</p>	<p>(([...] diz Rousseau:)) “Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles. Criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância.” ... a gente não pode negar:: que essas representações sobre as mulheres... influenciaram a visão masculina, mas também... a visão femini::na... das mulheres sobre elas mesmas...né? como que... a</p>

	gente não vai acreditAR que elas mesmas pudessem acreditar ni:sso? No::ssas avós:: NOssas bisavós:: têm muitos resquícius dessa educação... nós/e a gente pode dizer... que:: até a gente chegaram resquícius desse tipo de educação de que a mulher deve se dedicar ao homem... éh:: então não é fácil para gente se livrar de séculos de opreSSÃO... então... é muito importante que a gente reFLIta sobre essas questões... para mudar nossas ações na escola
--	--

Na versão final, o recurso de intertextualidade vem acompanhado de comentários com peculiaridades quando comparados a discussões, frequentemente, apresentadas em produções acadêmicas tradicionais. Seleções linguísticas (“a gente”, “né?”) dão tom de informalidade em alguns momentos do texto, ajustando-se às especificidades do contexto interlocutivo, da modalidade oral e das características do formato *podcast*.

Examinamos, ainda, que a reflexividade recai, novamente, sobre a citação direta, retomando-a por meio de encapsulamento (“essas representações sobre mulheres”), seguido de exemplo com o qual o locutor pode se aproximar de interlocutores, acionando modelos cognitivos previstos (“No::ssas avós:: NOssas bisavós:: têm muitos resquícius dessa educação...” e possibilitando que o processo de significação ocorra por associação.

Ao recorrer à intertextualidade, via citação direta, o locutor a toma como objeto e a interpreta. Esse procedimento de interpretação pode atuar como “figura argumentativa”, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), dado o efeito de presença que pode suscitar. Em específico, no segmento examinado, a interpretação encaminha a refutação da afirmação de Rousseau, direcionado para a ideia de haver necessidade de modificação da representação da mulher, para também se transformarem os cenários escolares em que se reproduzem discursos desqualificadores da figura feminina.

Mais uma vez, recorre-se a um projeto de texto que possa sustentar diferentes lógicas e se ajustar às condições da argumentação. Assim como mencionamos, em consonância com Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), é preciso buscar a participação mental daquele para quem o texto-discurso se dirige. Assim é como ocorre nesse segmento.

Em outra parte do *podcast*, mais uma vez, localizamos acréscimos relacionados à elucidação de citação direta. No Quadro 4, podemos examinar esse procedimento por meio da utilização de paráfrase:

Quadro 4 – Procedimentos de elucidação por paráfrase

Roteiro escrito	Podcast
<p>Um Teto Todo Seu - Virginia Woolf Pág. 99 [...] é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia. Comentário:</p>	<p>Aí... lá na página noventa e nove... éh ela tem uma famosa frase que é... abre aspas... ((Um Teto Todo Seu - Virginia Woolf Pág. 99)) [...] é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia. ((Comentário:)) ter dinheiro e ter um espaço para trabalhar... um espaço interno de imaginação:: de pensamen::to para a Virgínia... eram coisas fundamentais para a mulher conseguir escrever...</p>

Parece-nos que a seleção “ter dinheiro e ter um espaço para trabalhar... um espaço interno de imaginação:: de pensamen::to para a Virgínia... eram coisas fundamentais para a mulher conseguir escrever...” reformula a citação direta, trazendo outros elementos para a produção de sentidos. Trata-se, mais uma vez, de uma reformulação que permite o acionamento de modelos cognitivos por parte de públicos mais gerais com os quais possibilita a inserção do que é dito em novos contextos, promovendo a participação ativa do interlocutor e a orientação argumentativa do texto.

Retomamos a posição de Gotti (2014) a respeito de a divulgação científica implicar reformulações e recontextualizações. As análises permitem-nos dizer que, frequentemente, utiliza-se de procedimentos meta para tornar compreensível o quadro de referências do texto, mas não só. Ao se voltar para o fazer entender, o locutor cria condições de alcançar o fazer participar e, por consequência, o fazer crer.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos comparar e analisar dois gêneros textuais – o roteiro escrito e o áudio em *podcast* de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) –, com a finalidade de identificar como ocorreu a passagem de um a outro, em específico, atentando-nos para a referência meta e seu papel no projeto argumentativo das produções.

De maneira sucinta, podemos dizer que esses gêneros textuais possuem condições de produção, de circulação e de recepção distintas e que suas materialidades se constituem de maneira diferenciada (modalidades oral e escrita), considerando também os recursos tecnológicos utilizados em cada um. Além disso, o roteiro escrito e o *podcast* examinados possuem inter-relação e interdependência, já que o primeiro foi projetado com vista à produção do segundo, o qual, por sua vez, foi sendo desenvolvido a partir daquilo que foi planejado e do que o locutor entendeu como necessário ajustar durante o processamento. As modificações examinadas no *podcast* podem ser compreendidas como traços indicativos de um procedimento reflexivo, por parte do locutor, também relacionado à interação projetada, tal como a atenção para a possibilidade de alcançar e de dialogar com interlocutores não especializados. Nesse viés, Marcuschi (2008) já havia nos indicado que a prática de um gênero está relacionada não só à estrutura organizacional, mas também às maneiras de interagir.

Nesse viés, discutimos que o discurso de divulgação científica, realizado por pesquisadores e por graduandos e inserido nas redes digitais, caracteriza-se por trazer particularidades desses espaços e por ser constituído com vista ao alcance de interlocutores especializados e outros mais gerais. Na argumentação, os locutores tendem à regulação de forças instauradas e a atender diferentes lógicas sociais. Nessa direção, pressupomos que o projeto argumentativo é operacionalizado com vista ao fazer entender (instruir), ao fazer crer (efeito de verdade) e ao fazer participar (construção de raciocínio). Trata-se de uma “problemática da influência” (Charaudeau, 2016b), agora, mais complexa por conta da diversidade de públicos interactantes.

Pelas análises da referenciação meta, localizamos: a) permanência de especificidades de uma monografia acadêmica (problematização, objetivos, metodologia, justificativa, discussão teórica etc.), que correspondem a elementos da argumentação científica; b) recorrência de explicações, esclarecimentos dessas características do campo acadêmico-científico; c) estratégias direcionadas às imagens presumidas de públicos especializados (professores para quem a produção também foi dirigida) e de não especializados (possíveis ouvintes do *podcast*).

Quanto ao projeto argumentativo operacionalizado pela referenciação meta, identificamos que o fazer entender (*docere*) deu-se por acréscimos, no áudio, indicativos de um direcionamento para públicos não especializados a partir de

procedimentos de organização e de explicação/esclarecimento via descrição, definição, reformulação, exemplificação.

Já em relação ao fazer participar, as análises permitem-nos afirmar que houve atenção para uma interação frente a lógicas sociais diferentes, para o contexto interlocutivo, pois não só foram mantidos elementos presentes, convencionalmente, em textos acadêmicos, mas também ampliações por meio de processos meta caracterizados pela seleção de elementos de conhecimentos mais gerais (“no::ssas avós:: NOssas bisavós:: têm muitos resquícios dessa educação”, “ter dinheiro e ter um espaço para trabalhar”). A referência meta voltou-se, especificamente, para a informatividade do texto, para o efeito de presença, criando possibilidades de os públicos mais gerais realizarem associações e de compreenderem referências de campos com circulação mais restrita.

No que diz respeito ao fazer crer (jogo do efeito de verdade), localizamos que o locutor recorre a qualificações e a classificações dos autores citados, de citações diretas, ora imprimindo valores que sustentam o estatuto de autoridade dos estudiosos mencionados – trazendo mais informações sobre objetos de discurso (“a Michelle Perrot”, “uma historiadora francesa” etc.) –, ora rotulando citação (“essas representações sobre as mulheres”), de modo a questionar se seu caráter é razoável.

Além do mais, ressaltamos que a comparação entre o roteiro escrito e o *podcast* possibilitou-nos localizar procedimentos meta que não poderiam ser identificados em uma análise que se detivesse apenas ao texto oral, em razão de terem sido utilizados durante o processo de retextualização.

Referências

BEAUGRANDE, Robert de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual**. Conceitos e aplicações. São Paulo: Pontes, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua midiaticização. **Calidoscópico**, v. 4, n. 3, p.550-556, set/dez, 2016a.

CHARAUDEAU, Patrick. A argumentação em uma problemática da influência. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016b.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds). **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Seuil, 2002.
- CHARTIER, Roger. L'écrit sur l'écran. *Ordre du discours, ordre des livres et manières de lire*. **Entreprises et histoire**, n. 43, junho, p.15-25, 2006.
- GIERING, Maria Eduarda; SOUZA, Juliana Alles de Camargo de. Informar e captar: objetos de discurso em artigos de divulgação científica para crianças. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 205-232.
- GIERING, Maria Eduarda. Divulgação científica midiática para crianças e a visada de captação. **Intersecções**, n.14, p.85-97, 2014.
- GOTTI, Maurizio. Reformulation and recontextualization in popularization discourse. **Ibérica**, n. 27, p.15-34, 2014.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. O metadiscorso entre parênteses. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 293-303, 2009.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Especificidades da enunciação metadiscursiva. In. KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, p. 219-241, 2005.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 44, p. 93-103, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In. KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Morato; BENTES, Anna Christina (org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, v. 14, número especial, p. 169-190, 1998.
- MAYEUR, Ingrid. Quelle dimension argumentative dans les carnets de recherche en sciences humaines? The argumentative dimension of academic blogs in the Humanities. **Argumentation et Analyse du Discours** (online), n. 20, p.1-18, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MONDADA, Lorenza. Des topics aux objets de discours. In: MONDADA, Lorenza. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours**. Lausanne Université de Lausanne, 1994, p.27-66.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (org.). **Clássicos da Linguística 1**. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO, Edwiges Maria. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 45-54, 2012.

MORATO, Edwiges Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 243-263.

PALUMBO, Renta. **A Língua Portuguesa como objeto de poder e de acordo na comunidade política lusófona**. [Relatório de pós-doutoramento]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 2018.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002[1958].

RAMOS, Rui. Construção dos objetos de discurso em artigos mediáticos de divulgação científica para crianças. **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, n.3, p.156-182, 2014.

RINCK, Fanny. L'analyse linguistique des enjeux de connaissance dans le discours scientifique. **Revue d'anthropologie des connaissances**, n.4-3, p.427-450, 2010.

RODRIGUES, Francisca Tarciclê P.; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. O discurso científico: implicações entre ancoragem social, argumentação e realização textual. **VERBUM**, v. 8, n. 2, p. 39-58, set., 2019.

TOWNSEND, Sabrina Amaral Martins. Você entende mediquês? **Roseta**, v.6, n.1, 2023.

Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2023/03/17/voce-entende-mediques/>. Acesso em 20 nov. 2023.